



A INVENÇÃO DO DINHEIRO: DO PASSADO QUE ENSINA AO PRESENTE QUE INSPIRA

Categoria: Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Modalidade: Matemática Aplicada e/ou interrelação com outras Disciplinas

**BRUM, Joaquim de Oliveira; CAZAROLLI, Rafaela Schimitz;
BENATI, Magda Raquel Glienke**

Instituição participante: Centro de Educação Básica Francisco de Assis – EFA – Ijuí/RS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido na turma B41/4º ano do Ensino Fundamental do Centro de Educação Básica Francisco de Assis - EFA, do município de Ijuí/RS, no ano de 2024, sendo ela composta por 30 estudantes. Integrando-se em um projeto mais amplo que é a Jornada de Pesquisa da EFA, que teve como temática geral “Invenções que Transformaram a Humanidade: da pré-história à contemporaneidade”. Tentaremos de forma sucinta traçar uma caminhada que iniciou em março e findou-se em julho. Ou não findou? Em nosso projeto de turma, definimos como objetivo pesquisar a história da invenção do dinheiro. Uma jornada que perpassou diferentes componentes curriculares. Trilhamos nossa jornada que surgiu do seguinte questionamento. “Como podemos conceber um mundo sem a existência do dinheiro?”

Na Jornada de Pesquisa adotamos o subtema “**Do passado que ensina ao futuro que Inspira: Da invenção à extinção do dinheiro**” sistematizamos nossa caminhada, em trios, assim distribuída: Coletores e Agricultores, Primeiras Cidades e Escambo, Primeiros Dinheiros, O dinheiro de Portugal, Cruzeiros e Cruzados, Reais: dinheiro atual, Educação Financeira, Reaproveitamento, MOEFA e a Extinção do Dinheiro. Buscamos informações em pesquisa, palestra sobre Educação Financeira e Segurança Digital, visitamos o museu Doutor Pestana e a Sicredi. Tivemos um momento de integração com a turma do 5º Ano, para socializarmos nossas criações de jogos e brinquedos com material reciclável, e o uso das “**Moefas**”, nossa invenção. Também a “**Família Moedas**” nos ensinou sobre Educação Financeira, do quanto precisamos traçar metas para atingir nosso objetivo, orientando-nos sobre: desejo e necessidade, orçamento,



poupança e formas de pagamentos. E ainda, entendamos que a Sistema Monetário Brasileiro teve toda uma trajetória em seu processo de criação, atendendo a habilidade do conhecimento nas diferentes áreas. Com ênfase no objeto do conhecimento sistema monetário na seguinte habilidade na Matemática (EF04MA25) *“Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.”* (BNCC, 2020). Em História compreender a ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações desenvolvendo a habilidade de (EF04HI01) *“Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.”* (BNCC, 2020) e ainda (EF04HI02) *“Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio...)”* (BNCC, 2020) E na Geografia atende a habilidade de *“(EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura”*. (BNCC, 2020). Cabe tudo isso em uma jornada só?

Dizer ainda que esta prática perpassa o viés da interdisciplinaridade, que o conhecimento não se dá de forma isolada, mas se interliga e complementa com diferentes áreas do conhecimento, como: História, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Educação Física. Os estudantes se envolveram em nosso projeto e como bem disse uma estudante “a aula da professora Raquel é uma coisa só”, se referindo a forma de trabalho interdisciplinar sob a percepção da criança. Ouvir isso de uma criança me satisfaz enquanto educadora, de que minha proposta de trabalho foi entendida e internalizada.

CAMINHOS METODOLÓGICOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso trabalho teve como ponto de partida a Pré-história e traçou-se um percurso investigativo até o presente, e porque não dizer do futuro que se aproxima? A história de dinheiro está envolta pela história da humanidade. Todas as invenções surgem da necessidade manifesta, as quais vão transformando-se na medida em que caminha a sociedade, num processo de constante transformação. Trabalhar de maneira interdisciplinar torna nossa prática mais dinâmica, e faz com que os aprendizes entendam que tudo que acontece não se dá de forma isolada, mas contextualizada no tempo e no espaço.



Estudar sobre a invenção do dinheiro nos levou a pensar no benefício e no malefício que esta invenção trás para a humanidade, advindo da intenção de facilitar as práticas sociais de negociação de mercadorias, até a escravidão a qual somos conduzidos, a um consumo desenfreado. E aos poucos, se não refletirmos com criticidade, somos moldados pela ideia de querer sempre mais. Assim, passamos a valorizar o ter e consumir sem muito refletir sobre a real necessidade. Ressalto ainda que, embora a turma tenha sido organizada em trios para a socialização de estudos, cada tópico apontado foi desenvolvido com todos os estudantes.

Como primeiro passo aprofundamos nossos estudos sobre a história da humanidade, na pré-história, onde os seres humanos eram totalmente dependentes dos recursos que a natureza lhes oferecia, como coleta de frutas e sementes, bem como a caça de animais. Sua forma de viver era rudimentar, de poucos recursos e estavam em uma busca constante pela sobrevivência. Ou seja, compreendemos que os homens pré-históricos não tinham casa para morar. Descobriram então que as cavernas e grutas podiam obrigá-los da chuva, do frio, do sol, bem como dos animais perigosos. Esses homens eram conhecidos como **nômades**, pois não tinham moradia fixa. Moravam em locais onde podiam caçar, pescar e colher frutas e raízes, ou seja, dependiam da natureza para sobreviver.

Em um segundo momento, vimos que os povos já começaram a se organizar em aldeias, às margens de rios, nas planícies férteis, onde era possível realizar a agricultura e fazer uso da água com maior regularidade. e com o crescimento populacional e das atividades passaram a constituir cidades mais complexas. Surge o aperfeiçoamento das técnicas da agricultura e dos instrumentos agrícolas, com a descoberta de metais e a criação de ferramentas que favoreceu o aumento da produção de alimentos e o crescimento da população. E, com maior quantidade de alimento disponível, as pessoas podiam se dedicar a outras atividades além da agricultura. Surgem ainda os excedentes, fazendo com que acontecesse a prática do escambo.

Quando o escambo, já não mais dava conta do mercado, surge a necessidade de terem uma referência para medir o preço das mercadorias. Então buscamos informações de como eram os primeiros dinheiros. Entendemos que o dinheiro não foi sempre assim como é hoje, moedas ou papel. Inúmeros objetos e utensílios foram usados como dinheiro em diferentes momentos da história e em diferentes lugares. No início começaram a usar sal, cascas de árvores e moedas rudimentares.

Ampliando os nossos estudos sobre o avanço da ocupação pelos povos primitivos, novas descobertas e as grandes navegações, compreendemos que os primeiros dinheiros usados em



nosso país, foram os “réis”, trazidos pelos colonizadores portugueses. Onde em nossas buscas conseguimos alguns exemplares de moedas e cédulas. Descobrimos que a primeira moeda brasileira foi, na verdade, “importada”. O padrão monetário já era adotado em território brasileiro quando o Brasil se tornou independente de Portugal. A primeira versão do real brasileiro foi oficialmente implementada em 1833 e permaneceu como moeda oficial do país até meados do século XX, sendo a moeda mais longa de nossa história.

Novos questionamentos foram surgindo. Por que não usamos mais os réis trazidos pelos portugueses? E assim precisamos pesquisar sobre os dinheiros que foram usados no Brasil após o desuso dos réis. Descobrimos então os cruzeiros e os cruzados. O “Cruzeiro” faz referência à constelação do Cruzeiro do Sul, que é um dos símbolos nacionais do Brasil. E esta foi uma moeda brasileira que circulou entre os anos de 1942 e 1994. Durante esse período, o Cruzeiro passou por diversas reformas e mudanças, refletindo as tentativas do governo de controlar a inflação e estabilizar a economia. Aspectos que não nos detivemos pela complexidade de compreensão dessa constante desvalorização do nosso dinheiro. Já o nome foi inspirado no nome de uma antiga moeda portuguesa de ouro, que tinha o valor aproximado de 400 réis e que circulou nos tempos em que o Brasil ainda era uma colônia de Portugal.

Sobre o sistema monetário atual, estudamos sobre o Real, que foi implantado nos anos oitenta. Sendo que estas cédulas deixaram de homenagear personalidades ou tipos regionais e passaram a fazer referência a animais da fauna brasileira, e exploramos a composição de cada cédula. E neste momento muito se falava sobre o lançamento da moeda comemorativa de 5 reais, e descobrimos algumas outras cédulas e moedas comemorativas como: a série de moedas comemorativas, de 1 real, das Olimpíadas de 2016; a nota de 10 reais plastificadas, por ocasião aos 500 anos do Brasil e a já mencionada moeda de 5 reais em comemoração aos 200 anos da primeira Constituição brasileira, o foi outorgada pelo imperador Dom Pedro I. O preço da moeda é de 440,00 e vendida para colecionadores.

O estudo até então desenvolvido mostrou a necessidade de falar sobre educação financeira, não apenas saber da trajetória do dinheiro, mas entender o melhor uso deste em nosso cotidiano. E por este tema estar contemplado como tema transversal, na Base Nacional Comum (BNCC), nos detemos ao assunto de maneira ampla e cuidadosa, fazendo que cada estudante refletisse sobre ações individuais e coletivas que podem impactar sua vida e a da sociedade. Tivemos oportunidade através do “**Caderno de Educação Financeira**” do Plano Nacional de Formação Financeira entre o Ministério da Educação e Ciência de Portugal,



conhecer a “Família Moedas”, nos personagens: Clara, Thomás, pai Rui, mãe Catarina, avô Mário, avó Alice e o cachorro Patacas Com esta família aprendemos sobre Necessidade e desejo, receitas e despesas, poupança e formas de pagamento. Fortalecendo conceitos e aspectos já abordados. Ainda realizamos uma visita ao museu da Sicredi e junto tivemos um momento de formação sobre educação financeira. Incentivados por estes estudos e pela leitura da obra “As aventuras de Ian”, confeccionamos o nosso cofrinho, economizando para, na viagem de estudos, realizarmos nossas compras da “Loja” do Museu de Ufologia em Itaara/RS.

Apoiamos ainda esse estudo no decreto presidencial 7.397/2010 instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), com o intuito de ampliar a capacidade do cidadão para realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos e contribuir para a eficiência na gestão financeira. Como relata: “O decreto precisa, de fato, ser conhecido. As pessoas precisam saber efetivamente o que se faz e qual o trabalho feito com educação financeira no país.” (ENEF, 2010). Tentamos de maneira lúdica aproximar os estudantes à temática sobre educação financeira, fazendo com que tivessem conhecimento sobre o que é ser financeiramente educado, como administrar finanças, planejamentos e projetar sonhos.

Diante de uma realidade de um consumo desenfreado, em parceria com a professora de Arte e Educação Física, propomos aos estudantes a confecção de jogos e brinquedos, com materiais recicláveis para uma futura Feira de Ideias e Invenções em parceria com a turma do 5º Ano da escola. Sugiram ideias e criações incríveis. E entendemos que nem tudo precisa ser comprado. Paralelo a isso criamos a MOEFA (moeda da EFA). O desenho das MOEFAS foi criado pela turma e votado pelos colegas. Definimos uma cor para cada moeda e para facilitar apenas a impressão de um lado. Usamos como base as notas do nosso dinheiro – o Real. A MOEFA foi usada na comercialização de nossas produções de jogos, brinquedos, livretos de cordéis e demais criações. Vale ressaltar que a confecção dos brinquedos os envolveu afetivamente, e nem todos quiseram comercializar as suas criações. Tivemos que pensar em um plano B, que não quisesse vender teria a possibilidade de apenas locar o seu jogo ou brinquedo no dia da feira.

Por fim exploramos e pesquisamos sobre a extinção do dinheiro físico. Descobrimos que na década de 1950, estudiosos já falavam sobre o fim do dinheiro, ou seja, um futuro em que não haveria mais papel-moeda. Para eles, todas as transações seriam feitas através de um cartão plástico. E em 2020 surgiu o Projeto de Lei 4068/20, que determina a extinção do papel-moeda no País. Pelo texto em tramitação na Câmara dos Deputados, todas as transações



financeiras ocorrerão apenas em meio digital e ficariam a posse de cédulas para fins de registro histórico. Mas será que é tão simples assim falar que teremos um futuro só de dinheiro digital? Entendemos que a complexidade se dá pela falta de acesso digital, um em cada três brasileiros não têm acesso à internet. Hoje vivemos na prática o uso do Pix como forma de pagamento popular entre os brasileiros e o Banco Central anunciou a chegada do Drex, a nova moeda digital oficial do Brasil. Entendemos que já é possível resolver tudo sem tocar em dinheiro, fazendo uso de cartão de crédito, transferência e QR Code.

Descobrimos ainda a primeira máquina de cartão de crédito, que chegou ao Brasil na década de 70, quando o registro da venda era feito manualmente, já que não havia um sistema eletrônico. Funcionava basicamente assim: como ainda não tinha internet, as informações dos cartões (que eram em alto relevo para facilitar a leitura) eram impressas em um papel carbono. Esse papel precisava ser assinado pelo cliente e repassado ao banco para compensar o valor da venda. A máquina, chamada decalcadora, possuía os dados do estabelecimento, para que essas informações também aparecessem na cópia. Em seguida, o cliente assinava o registro, que seria enviado ao banco para compensar o valor.

Diante desta realidade digital, percebemos que precisamos ainda estar precavidos e assim, a turma B41, teve um momento de formação Sobre Segurança digital, com Ananda de Freitas, profissional na área, que falou ao grupo sobre “cybersegurança”: como nos proteger de fraudes no ambiente digital e o que fazer caso aconteça.

CONCLUSÕES

Ao finalizar, podemos afirmar que nosso objetivo foi alcançado. Pois, dentro da temática sobre as invenções da humanidade, conseguimos fazer uma caminhada densa, desde a Pré-história, onde não havia a existência do dinheiro, percebemos que ele surgiu no evoluir da humanidade e se ampliou para uma realidade presente, da extinção gradativa do dinheiro físico.

Conseguimos entender que também precisamos saber sobre como gerenciar nossas finanças, de termos projetos a serem alcançados através de nossas economias, e ainda, que não podemos nos deixar levar pelo consumo desenfreado e por vezes que produções feitas por nossas próprias mãos ajudam nos processos criativos e fortalecem os vínculos entre os envolvidos na trajetória de pesquisa, aprendizagem, criação e interação.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2020.

MARQUES. M. O. A **aprendizagem na mediação social aprendido e da docência**. Ijuí: Editora Unijui: 1995.

<https://www.oseudinheirovalemMais.com.br/os-4gs-da-sustentabilidade-financeira-e-como-aplica-los/>. Acesso em março de 2024.

<https://www.hipercultura.com/historia-do-dinheiro-como-surgiu-evolucao/>. Acesso em março de 2024.

<https://www.hipercultura.com/moedas-do-brasil-historia-dinheiro/>. Acesso em: março de 2024.

<https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-cifrao.html>.

Acesso em abril de 2024.

<https://n.todoscontam.pt/sites/default/files/SiteCollectionDocuments/CadernoEducaoFinanceira>

1. “**Caderno de Educação Financeira**” do Plano Nacional de Formação Financeira entre o Ministério da Educação e Ciência de Portugal, acesso em março de 2023.

Trabalho desenvolvido com a turma B41 - 4º Ano do Ensino Fundamental, da Escola de Educação Básica Francisco de Assis, pelos alunos: Alice Sabben Monteiro, Anthony Arthur da Silva Cattani, Caio Turczinski Furtado, Eduarda Anitta Delavusca de Oliveira, Gael Storch de Almeida, Hector Fagundes Garay, Iago Neubauer Wender, Isadora Roos Frantz, Joaquim de Oliveira de Brum, Joaquim Pasinato Steibrenner, Joaquim Siminovski de Moraes, Júlia Cigana Nikitenko, Júlia D’Almeida Mottelstaedt, Laura Zadra Costa Beber Fava, Lívia Beerbaum Boff, Marcela Scarton Martins, Maria Clara Zanette Taube, Maria Isabel Diniz Koerbes, Maria Luiza Olichenaz Marangon, Miguel Nass Paludo, Milene da Silva Kinalski, Pietroda Freitas Costa, Rafaela Schimitz Cazarolli, Rafaella Ribeiro Pereira, Rui Paulo Ianke Júnior, Sophia Morossi Landvoigt, Valentina de Almeida Siqueira, Valentina Zottis Debom, Vicente Grando Carvalho e Vitor Johann Geier.

Dados para contato:

Expositor: Joaquim de Oliveira de Brum

Expositor: Rafaela Schimitz Cazarolli

Professor Orientador: Magda Raquel Glienke Benati; **e-mail:** magda.benati@unijui.edu.br